

**Entre profecias e prognósticos: a trajetória histórica até
a ciência do futuro em *O ano 2000***

Fabio Sapragnas Andrioni*

Resumo: O livro *O ano 2000*, escrito, em 1967, por Herman Kahn e Anthony J. Wiener, apresenta, além de previsões, um método de planejamento para a realização de tais previsões. Todavia, esta preocupação com o planejamento do futuro não foi iniciada, nem exclusiva dos anos 60 do século XX, existindo uma trajetória da transformação da visão do futuro até culminar na proposta de Kahn e Wiener. Esta análise partiu de elementos do próprio livro, que se mostra como uma inovação metodológica, sem, porém, reconhecer que a sua proposta aproxima-se daquelas que Koselleck identificou como prognósticos racionais, as quais se destacaram na modernidade. Assim, a partir da análise dos prognósticos racionais e de algumas formas de planejamento, que apareceram desde a modernidade até a contemporaneidade, pode-se entender o método de prognóstico defendido por Kahn e Wiener.

Palavras-chaves: futurismo, prognósticos racionais, teoria da história

Abstract: The book *The year 2000* has written in 1967 by Herman Kahn and Anthony J. Wiener. It presents, beyond predictions, a planning method to fulfill the predictions. However, this preoccupation about future planning did not only begin in the sixties of twentieth century. It had a previous trajectory with some transformations until arrive the Kanh and Wiener's proposal. This article starts from books elements that show it like a methodological innovation. Nevertheless, the authors did not perceive their proposal like an approximation of rational prognosis, presented by Koselleck as a modern product. Thus, Kanh and Wiener's method can be understood from rational prognosis and others planning forms from modernity to contemporary.

Key words: futurism, rational prognosis, theory of history

Em 1968, era lançado, no Brasil, o livro “*O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos*”, o qual fora lançado em 1967 nos EUA. Este livro intentava definir possíveis formas que o mundo poderia ter no ano 2000. Estes estudos especulativos serviriam como forma de prever e, então, contornar problemas que poderiam ocorrer na virada do século XX para o XXI. Os autores do livro eram o físico Herman Kahn e o advogado Anthony J. Wiener, ambos estadunidenses (GHAMARI-TABRIZI, 2005:37). O livro, conforme seus autores, apresentaria uma estrutura para especular sobre o futuro e que, por isso, fornecia um elemento de inovação para o devir.

* Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Mestrando de História Social, pesquisa financiada pela FAPESP.

Daniel Bell¹, quem escreveu a introdução da obra, sintetiza bem a idéia em torno do que se pensava sobre a questão de planejamento e especulação do futuro que se destacou na segunda metade do século XX:

(...)Ninguém pretende que possam ser profetizados “acontecimentos” isolados. Esses acontecimentos são freqüentemente contingentes ou até mesmo irracionais. Nem se pode predizer o que os historiadores chamam de “pontos críticos”, nas vidas de homens ou de nações (...) Todos esses eventos, contudo, são restringidos por vários contextos: de recursos, de costumes, de vontade. E eles são modelados, de igual modo, por tendências básicas na sociedade humana: o progresso da ciência, alfabetização, interdependência econômica e coisas semelhantes. Este livro, portanto, não é um exercício de profecia: é um esforço para traçar as restrições da escolha social (BELL, In: KAHN; WIENER, 1967:xxviii; 1968:25).

Ou seja, o futuro tornara-se “problema de escolha (...) Assim, planejamento e racionalização são uma só coisa. Tudo isso coloca-nos no limiar de uma antiga e persistente busca humana: a de escolher o nosso futuro” (BELL, In: KAHN; WIENER, 1967:xxvi; 1968:22), já que ele não é “um vastíssimo tapête do tempo, desenrolado até algum ponto longínquo” (BELL, In: KAHN; WIENER, 1967:xxvi; 1968:22-23). Assim, o devir passa a ser “os resultados prováveis de diferentes escolhas, de modo que a nação possa conhecer os custos e as conseqüências de diferentes desejos” (BELL, In: KAHN; WIENER, 1967:xxvi; 1968:23). Há, nesta posição, uma visão da sucessão dos atos humanos ao longo do tempo, porém, que não se foca no passado, mas no futuro. Todavia, o método de previsão não consegue fugir da história, uma vez que consiste em “reunir séries cronológicas, tanto para traçar linhas de tendência, como para extrapolar prováveis desenvolvimentos” (BELL, In: KAHN; WIENER, 1967:xxvi; 1968:23).

O método de Kahn e Wiener, então, comporta algum grau de teoria da história, já que pensa o desdobramento das ações humanas ao longo do tempo e formula, em relação a isso, um arcabouço teórico. Os principais conceitos utilizados nesse sentido são: tendência múltipla, projeção livre de surpresas, mundo padrão, variações canônicas, cenários e futuros alternativos² (cf.KAHN; WIENER, 1968).

O conceito fundamental é *tendência múltipla* e consiste na identificação de tendências longas, importantes e que aparentam uma possível continuidade. Centrada na sociedade ocidental, a tendência múltipla se estende desde o século XI ou XII e é dividida, pelos autores, em 13 tendências. Elas não são nem fixas, nem fechadas e possuíam grandes chances, na

¹ Sociólogo americano que esteve envolvido em questões sobre o planejamento do futuro, mais conhecidos por suas obras: *O fim da ideologia* e *O advento da sociedade pós-industrial*.

² Usei os termos conforme a tradução brasileira..

visão dos autores, de se estenderem além de 1967 e alcançar o ano 2000. Alguns dos elementos da tendência são, por exemplo: a acumulação de conhecimentos científicos, a preponderância da mudança, industrialização global, crescimento demográfico, culturas mais hedonistas etc (KAHN; WIENER, 1967:5-7).

A partir da tendência, os autores fazem suas extrapolações, resultando no *mundo padrão* e nas *projeções livres de surpresa*. A projeção livre de surpresas pressupõe uma continuidade da tendência sem grandes alterações. Porém, como os autores argumentam, seria bastante surpreendente se ela ocorresse, uma vez que seria pouco provável o não aparecimento de qualquer surpresa. A partir dessa projeção se delinearía o mundo padrão, que serviría menos como uma situação certa sobre o futuro e mais como veículo para discussões e suposições de alternativas futuras (KAHN; WIENER, 1967:8). Partindo do mundo padrão, há as *variações canônicas*, que também são resultado da projeção livre de surpresas, apenas apresentando algumas variações para o mundo padrão (KAHN; WIENER, 1967:9).

Um método complementar de lidar com essas variações era o *cenário* e os *futuros alternativos*. Os cenários são definidos como a construção de seqüências hipotéticas de eventos com o propósito de focar os processos causais e os pontos de decisão. Servem, desta forma, para abordar como uma situação hipotética poderia ocorrer, passo a passo, e que alternativas existem, para cada ator, e em cada passo, para facilitar, alterar ou prevenir o processo. Os futuros alternativos, por sua vez, complementaríam os cenários, gerando variações deles que serviríam como fundamentos para a comparação de políticas alternativas ou para o exame de questões específicas. O conjunto de cenários e futuros alternativos levaría a rotas alternativas, que ajudariam a perceber o que pode ser evitado e o que pode ser facilitado, auxiliando nas decisões a serem tomadas.

Essa variedade de opções é defendida no livro como uma fuga de abordagens únicas, oferecendo escolhas para quem cabe as decisões, atingindo um espectro de situações futuras que podíam ser interessantes conhecer, tanto em suas causas, como em suas conseqüências, ajudando, assim, na definição do futuro e no entendimento da situação atual e de como ela podería ser diferente. Para os autores, essa base de planejamento era mais segura para trabalhar com períodos curtos, de 30 anos, por exemplo, pois acreditavam que a história moderna possuía aspectos cíclicos que abarcavam períodos curtos, como decênios (KAHN; WIENER, 1967:6,12-13).

Este método de planejamento e especulação do futuro não foi formulado somente no período de escrita do livro, mas já vinha de uma prática anterior. Na segunda metade dos anos 50 do século XX, uma preocupação particular sobre a previsão e a especulação do futuro

ganhou força. Um dos nomes usados para definir este tipo de previsão foi Futurologia³. O termo foi, aos poucos, sendo sinonimizado, por exemplo, por estudos futuros ou futurismo, no caso americano (MARIANO, 1995:14-15; THIESEN, 2008).

Tais estudos foram realizados, nos EUA, nos institutos que ficaram conhecidos como *think tanks*. O surgimento de tais instituições, ao longo do século XX, consistiu, basicamente, em inserir os EUA nas relações internacionais (MCGANN, 1992:734) e em trazer o método e o pensamento científico para o campo das políticas públicas e da administração governamental (ABELSON; CARBERRY, 1998:532; MCGANN, 1992:734-745; WEAVER, 1989:565). Após 45, nos EUA, iniciou-se um segundo momento de formação de *think tanks*, que se caracterizou pela visão dos EUA de uma política estrangeira e de defesa globalmente coesa (FAURIOL, 1984:13 apud MCGANN, 1992:735). Eram, portanto, neste momento, institutos mais voltados à questão da defesa e, por isso, a assuntos militares.

Estes institutos seguiram, ainda, uma mudança na concepção militar, mais técnica, que se estendia desde a Guerra, quando os EUA usaram uma criação dos jovens cientistas empregados na OSRD⁴: a análise de sistemas. Ela consistia em sistemas delineados e analisados referentes às especulações sobre situações bélicas presentes e futuras, (KAHN; MANN, 1957b:4; GHAMARI-TABRIZI, 2005:137-138, 46-47). Desta maneira, após 45, a Força Aérea americana, reconhecendo a importância do conhecimento técnico no campo militar, e vendo o conjunto de pessoas que tinha para empregar neste novo recurso, optou pelo projeto RAND (GHAMARI-TABRIZI, 2005:50-51).

O projeto RAND foi inaugurado na primavera de 1946 e consistia em uma organização de pesquisa totalmente autônoma com contrato exclusivo com a força aérea. O contrato estipulava que estudos e pesquisas científicos deveriam ser realizados, visando recomendar à Força Aérea melhores métodos, técnicas e instrumentalidades. Em 1948, o projeto tornou-se uma corporação de consultoria sem fins lucrativos. Contudo, os primeiros dirigentes da nova corporação, além de trazerem o antigo grupo da OSRD, que já trabalhava no projeto, concluíram que alcançar o futuro estava além da matemática aplicada. Com isso, cada uma das ciências sociais foi representada na vontade de imaginar o futuro da Força Aérea (GHAMARI-TABRIZI, 2005:51-52), dando um elemento interdisciplinar para a organização.

Herman Kahn viveu todo esse processo, quando, já nos anos finais da guerra, formou-se em física e, em 1947, obteve o título de mestre, sendo, então contratado para o RAND

³ Termo cunhado pelo professor Ossip K. Flechtheim, em 1943, resultado da combinação das palavras *futurus* e *logia*, significando ciência do futuro.

⁴ Office of Scientific Research and Development – Departamento de Desenvolvimento e Pesquisa Científica

(GHAMARI-TABRIZI, 2005:62-63). Contudo, em Dezembro de 60, com o lançamento do livro *On thermonuclear war*, Kahn deu vazão a uma de suas maiores controvérsias. O livro mostrava como uma guerra nuclear poderia ter início e ser enfrentada sem significar o fim da humanidade (GHAMARI-TABRIZI, 2005:17). Este livro trouxe Kahn para o cenário público, tanto de forma positiva quanto negativa (GHAMARI-TABRIZI, 2005:19).

Já como uma figura emancipada da RAND, devido ao livro, e por toda controvérsia criada pelo futurista, que era muito intrusiva para a corporação, Kahn foi considerado um inconveniente para a defesa civil. Demitido ou demitindo-se, em 1961 Kahn deixou a RAND para fundar seu próprio *think tank*, o Instituto Hudson (GHAMARI-TABRIZI, 2005:36-37). No processo de criação do instituto, Kahn conheceu Wiener, que no período era instrutor no departamento de ciência política do MIT, assim como pesquisador associado no Center for International Studies (GHAMARI-TABRIZI, 2005:79-80).

Além disso, em 61, os cientistas civis assumiram os principais postos militares, na administração de Kennedy, e o novo secretário de Defesa, Robert McNamara, quem acreditava que a análise de sistemas introduziria a racionalidade científica dentro do planejamento da Defesa (GHAMARI-TABRIZI, 2005:47). Dentro desse contexto, nos primeiros anos, o Instituto Hudson ajudou o Pentágono na questão do Vietnã. Porém, a ligação com o governo americano perdeu força devido à própria longevidade desta guerra e, portanto, ao recuo de investimentos. Por outro lado, outros institutos surgiram, com enfoque não mais militar, mas em questões urbanas e de política social. Além disso, os antigos *think tanks* iniciaram um redirecionamento de recursos e pessoas para questões internas, civis, urbanas e ambientais (MCGANN, 1992:735-736). Essa ampliação também visou alargar o campo de serviço de tais instituições.

O *O ano 2000* foi escrito nesse contexto, pois também aborda aspectos sociais, econômicos e culturais, sem abandonar, contudo, os antigos assuntos militares. Porém, não dá para restringir a elaboração teórica do método de planejamento e especulação do futuro apresentando em *O ano 2000* a este período, pois esta visão sobre o futuro é algo anterior e que se insere em um contexto maior: o da modernidade.

Os tempos modernos significavam os novos tempos e, dentro do Ocidente cristão, remetiam a um porvir do mundo, que se concretizaria no Juízo Final (HABERMAS, 2000:9). Porém, pouco a pouco, essa visão se desgastou em virtude da incapacidade da religião encerrar as guerras civis religiosas, travadas ao longo do século XVI, na Europa, agindo, inclusive, no sentido contrário, ou seja, acirrando-as, já que existiam devido ao surgimento das diversas formas protestantes do catolicismo. Tais disputas só foram sanadas por meio de

acordos políticos que visavam a igualdade religiosa e, então, esgotaram esses Estados religiosos. Com isso, a paz, atribuída ao Juízo Final, não veio após o período de guerras violentas, mas só se concretizou pela intervenção humana (KOSELLECK, 2006:26-27).

Houve, ainda, com a prorrogação do Juízo Final, o adiamento do fim do mundo, tanto pelos visionários cristãos, quanto pela astrologia. Frente a isso, os Estados religiosos que se viam como guias desta linha escatológica, também perderam sua função. Isso produziu uma alteração na visão de história, começando pela separação, inicialmente, da história sacra da história natural, sendo que a última, agora, que guardaria um fim para a humanidade. E, finalmente, a separação também da história sacra da humana, a qual era feita pelos homens, sem um fim pré-determinado e não dissociada da ascensão da política e, portanto, do Estado moderno. Com isto, o Estado moderno tornou-se o novo detentor do futuro, lançando-se contra as profecias. Mudanças, portanto, ocorreram e “o cálculo político e a contenção humanista delimitaram um novo horizonte para o futuro” (KOSELLECK, 2006:28-30).

Este novo horizonte causou, ainda, uma revisão no passado e no presente. O presente passou a ser visto como a modernidade, como os novos tempos, e o passado, foi posto, então, como Antigüidade e Idade Média (KOSELLECK, 2006:31; HABERMAS, 2000:9). Todavia, esse tempo moderno profano crê que o futuro já começou e, portanto, orienta-se para ele e ao novo que parece acompanhá-lo (HABERMAS, 2000:9). Destarte, uma outra abordagem sobre o futuro ganhara destaque: o prognóstico racional (KOSELLECK, 2006:31).

O prognóstico opôs-se às antigas profecias e funcionou como uma previsão racional. Conforme Koselleck, ele alcançou seu maior refinamento na Itália, nos séculos XV e XVI e nas demais cortes européias, nos séculos XVII e XVIII. A base essencial para o prognóstico não era mais de um futuro maniqueísta e marcado pelo Juízo Final, mas de um futuro com um número limitado de possibilidades, tendo, algumas, mais probabilidades de ocorrer que outras. Precaver-se às surpresas vindouras é outra característica desta visão, já que faz o planejador conhecer as diferentes possibilidades que não somente aquelas que parecem mais óbvias. E, com o advento de um tempo voltado para um futuro sempre novo, as incertezas cresceram e, portanto, este tipo de planejamento tornou-se mais importante, acompanhando a importância do futuro em relação ao presente (KOSELLECK, 2006:31-32).

Nesta altura, é possível estabelecer alguns paralelos entre os prognósticos racionais e o futurismo. Claramente, o futurismo que Kahn e Wiener defendem, é um fenômeno moderno e possui elementos claros de prognóstico. Inicialmente, os dois compartilham a idéia de um futuro como passível de escolha e estatisticamente mensurável em diferentes graus de probabilidade. Além disso, ambos estão atrelados à política na tentativa de controlar o tempo,

pois, a partir do planejamento, o futuro passa a ser decidido no presente e projeta-se a partir deste (KOSELLECK, 2006:32), é o novo que é capturado e dirigido pelo prognóstico. E, assim como é no prognóstico, é no futurismo, ou seja, o Estado é o elemento de integração e ultrapassa o mundo ao qual está limitado, projetando-se e determinando um futuro.

As semelhanças não cessam. Koselleck, ao expor o *motto* da arte do prognóstico, cita Aristóteles, que diz: “permanece indeterminada a verdade sobre os acontecimentos” (KOSELLECK, 2006:31). Bell não diz muito diferente, ao afirmar que “(...)ninguém pretende que possam ser profetizados ‘acontecimentos’ isolados (...)”(BELL, In: KAHN; WIENER, 1967:xxviii). Koselleck utiliza a afirmação de Aristóteles para ilustrar o que já foi exposto sobre o prognóstico, ou seja, que o elemento de inovação no tempo existe, porém, ele é passível de ser mensurável probabilisticamente. Isso se deve, pois, nos séculos já citados de prática do prognóstico, as forças políticas estavam limitadas pelo número de príncipes, os quais possuíam, ainda, alguns elementos contabilizáveis, como número de tropas e de população e uma economia quantificável. Desta forma, o futuro era, de alguma maneira, delimitado em suas possibilidades pela concretude do presente, a qual determinava, assim, o alcance do prognóstico, que também tinha, como limite, o período de vida do governante (KOSELLECK, 2006:34-35).

Então, o futurismo defendido como novo não se sustenta, pois já existia anteriormente na forma de prognóstico. Todavia, apesar de a estrutura do prognóstico se manter em Kahn e Wiener, ela é pensada de outra maneira e dentro de outro contexto e aparece atrelada, ainda que silenciosamente, com o planejamento econômico. Essa relação existe, principalmente nos anos 60, pois, conforme Myrdal, “país algum está em posição de permitir que os assuntos monetários fiquem fora da política econômica ou, mesmo, fora da Política” (MYRDAL, 1962:46). Ou seja, é novamente a ascensão da questão política, mas, agora, em função da economia. Assim, a idéia de planejamento, entendida como “as tentativas conscientes feitas pelo governo de um país para coordenar as políticas públicas mais racionalmente, a fim de atingir mais completa e rapidamente os fins desejados para desenvolvimento futuro, determinados pelo processo político em sua evolução” (MYRDAL, 1962:40-41), diferencia-se pouco entre si, variando, então, conforme a área aplicada. Esta idéia também pouco se diferencia da do prognóstico, contudo, é necessário entender as situações específicas que fizeram essa prática comum nos Estados pós-guerra e como, então, os planejamentos econômico e o político puderam provir o futurismo.

Myrdal mostra que o planejamento econômico foi um acontecimento não planejado, já que foi resultado de intervenções estatais, no período da Revolução Industrial, para otimizar

algumas circunstâncias comerciais, como a construção de ferrovias, por exemplo. Contudo, elas eram temporárias e limitadas, pois, se não fossem, contrariariam o ideal liberal do período. Porém, tais intervenções passaram a ocorrer em maior número e de forma mais complexa e a coordenação de tais intervenções tornou-se uma necessidade. Assim, a intervenção não se mostrou temporária, como também não se restringia somente à esfera em que tinha sido feita. Isso aparecia, por exemplo, quando uma decisão concernente a uma área rural acabava repercutindo nos setores urbanos (MYRDAL, 1962:38-40). O planejamento acabou se tornando, então, “a alternativa ‘liberal’ ao verdadeiro caos criado pela intervenção estatal descoordenada e desorganizadora” (MYRDAL, 1962:40).

Aqui, não há elementos muito diferentes dos já comentados sobre o prognóstico, a não ser a ênfase na questão econômica, fazendo com que a política se torne um acessório. Além disso, os planejamentos não mais se limitam pelo tempo de vida dos governantes, visando, agora, mais a manutenção de um dado tipo de Estado. Não era mais, portanto, um planejamento político que visava aplainar rivalidades militares dentro da Europa, mas um planejamento concernente à expansão econômica européia pelo colonialismo e pelo desenvolvimento industrial. Por isso a ênfase no aspecto econômico, o que possibilitaria, então, o planejamento expansivo-militar e comercial.

O fortalecimento do Estado sobre as questões econômicas por meio da política se deu, portanto, não apenas quando ele precisou intervir, mas também coordenar suas intervenções, assim como as ações dos outros elementos participantes da nação. Isso se concretizou tanto pela normatização do funcionamento das relações entre as organizações que representavam os diferentes setores da sociedade, quanto pela legislação (MYRDAL, 1962:63-64).

Apesar dessa diferenciação aparente, o planejamento não foge do prognóstico. A coordenação da intervenção estatal passa pelo exame da combinação de tais intervenções, no sentido de constituírem metas para o desenvolvimento da nação. Desta forma, quanto mais o Estado coordena e normatiza a economia, mais ele tende a elaborar previsões de curto e longo prazo, visando alterar as diretivas em relação ao comércio, às finanças, ao desenvolvimento e à reforma social (MYRDAL, 1962:78-80). Esta coordenação esteve, assim, presente no pós-guerra, principalmente no contexto da Guerra Fria, pois o direcionamento das despesas governamentais com armamentos fez necessária uma nova política de coordenação (MYRDAL, 1962:47), assim como a necessidade de rivalizar com um oponente que apresentava tanto uma expansão física, quanto um desenvolvimento interno (MYRDAL, 1962:61).

Esse contexto mais amplo sobre os planejamentos e prognósticos é um bom ponto de

partida para o entendimento do contexto mais geral da elaboração da obra de Kahn e Wiener. Todavia, o futurismo parece romper e ir além do simples planejamento econômico ou político, apesar de se produzir no mesmo contexto geral que estes. O futurismo de Kahn e Wiener não pode ser reduzido somente ao prognóstico e ao planejamento, pois, se, por um lado, ele apresenta características que confirmam esta impressão, por outro lado, apresenta outras que não se esclarecem com esta aproximação. Todavia, este é assunto para outros artigos, assim como para a dissertação que resultará do estudo mais amplo do livro *O ano 2000*.

É importante, por ora, termos em mente que o futurismo de *O ano 2000*, apesar de se pretender inovador como visão sobre o futuro, apresentou poucos elementos novos nesse sentido, sendo mais um novo método para uma tradição anterior de ver o futuro. Assim, o futurismo não foge de parte da tradição da modernidade, aquela que entendia o futuro como fruto das ações e vontades humanas e não rompe com isso. Assim, é possível afirmar que o estudo futuro de Kahn e Wiener não rompeu com a modernidade e, por isso, não apresentou nenhuma grande inovação em pensar o futuro, ou seja, apenas inovou na forma de planejá-lo, mas não deixou de planejar.

Referência Bibliográfica

ABELSON, D.E.; CARBERRY, C.M. Following Suit or Falling behind? A Comparative Analysis of Think Tanks in Canada and the United States. **Canadian Journal of Political Science**. [S.l.], v.31, n.3, p.525-555, Sep. 1998. Disponível em:

<[http://links.jstor.org/sici?sici=0008-](http://links.jstor.org/sici?sici=0008-4239%28199809%2931%3A3%3C525%3AFSOFBA%3E2.0.CO%3B2-H)

[4239%28199809%2931%3A3%3C525%3AFSOFBA%3E2.0.CO%3B2-H](http://links.jstor.org/sici?sici=0008-4239%28199809%2931%3A3%3C525%3AFSOFBA%3E2.0.CO%3B2-H)>. Acesso em: 11 out. 2007.

BARTILLAC, René. **As profecias**: São Malaquias, Nostradamus e o fim do mundo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Bauru: EDUSC, 2001.

BRUCE-BIGGS, B. **Supergenius**: the mega-worlds of Herman Kahn. Nova York: [s.n.], 2000.

DRAY, William H. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

GHAMARI-TABRIZI, S. **The worlds of Herman Kahn**: the intuitive science of thermonuclear war. Cambridge: Harvard University, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAHN, H.; MANN, I. **Game theory**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957a. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957b. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **Ten common pitfalls**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957c. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **War Gaming**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957d. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; WIENER, A.J. **O ano 2000**: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968, p. 15; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967.

KAHN, H.; WIENER, A.J. **The year 2000**: a framework for speculation on the next thirty-three years. [S.l.]: Hudson Institute, 1967.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006.

LEVESON, Irving. **Memorial to Herman Kahn**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2920>. Acesso em: 30 abr. 2007.

LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991.

MARIANO, C.A. **Estudos do futuro**: a história e a filosofia dos estudos do futuro. 1995. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo São, 1995.

MCGANN, J.G. Academics to Ideologues: A Brief History of the Public Policy Research Industry. **PS: political science and politics**. Washington D.C., v.25, n.4, pp. 733-740, dez. 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/419684>. Acesso em: 10 set. 2008.

MENAND, Louis. Fat Man: Herman Kahn and the nuclear age. **The New Yorker**. New York, 27 jun. 2005. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/2005/06/27/050627crbo_books>. Acesso em: 13 nov. 2008.

MILLER, John J. The history of Kahnciousness: a Cold Warrior who helped the Pentagon but needed private support. **Philanthropy Magazine**. Washington D.C., 1 set. 2005. Disponível em: <<http://www.philanthropyroundtable.org/article.asp?article=738&paper=1&cat=148>>. Acesso em: 26 nov. 2008.

MINOIS, George. **História do futuro**: dos profetas à prospectiva. Lisboa: Teorema, 2000.

MYRDAL, Gunnar. **O Estado do futuro**: o planejamento econômico nos Estados de bem-estar e suas implicações internacionais. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

SELINGMAN, Dan. **Know-it-all**. [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=817>. Acesso em: 13 nov. 2008.

THIESEN, J. da S. Estudos prospectivos – uma metodologia estratégica para a construção de futuros possíveis. In: **Congresso Internacional de Administração**, Ponta Grossa, 2008. Gestão estratégica na era do conhecimento. Disponível em: <<http://www.admpg.com.br/2008/cadastro/artigos/temp/137.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

WEAVER, R.K. The changing world of think tanks. **PS: political science and politics**. Washington D.C., v. 22, N. 3, pp. 563-578. Sep. 1989. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=1049-0965%28198909%2922%3A3%3C563%3ATCWOTT%3E2.0.CO%3B2-Y>>. Acesso em: 11 out. 2007.